



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

A IMPORTÂNCIA DAS REGRAS DE PONTUAÇÃO EM TEXTOS FORMAIS E INFORMAIS: Relato de Experiência

Elaine Souza Freitas
(UEG – Câmpus Inhumas)
Kamila K. S. Monteiro
(UEG – Câmpus Inhumas)
Lays Nunes Fonseca
(UEG – Câmpus Inhumas)
Maria Margarete Pozzobon
(UEG – Câmpus Inhumas)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar experiências e reflexões acadêmicas referentes ao período de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa do curso de Letras-Português/Inglês, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas, no primeiro semestre de 2015. A realização do planejamento colaborativo se deu no turno vespertino por se tratar de aulas destinadas ao reforço de conteúdos que os alunos apresentaram maior dificuldade como a gramática, em uma escola da rede particular da cidade de Inhumas-GO, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II. Planejamos nossas aulas colaborativamente com a coordenadora da escola, juntamente com a professora de Estágio Supervisionado, e visa reforçar aspectos como as pontuações de forma lúdica a fim de que os alunos não apenas aprendam a escrever “corretamente”, mas que sejam capazes de se posicionar na sociedade com a língua materna. Levando em conta que “o interacionismo vê o aprendizado como um processo de interação que envolve três fatores fundamentais: o aprendiz, os elementos de sua natureza biológica e o meio ambiente sociocultural em que ele está inserido” (OLIVEIRA, 2010, p. 28), mostramos formas de interação que variam conforme o contexto. Neste texto, apresentamos nossas ações, percepções e reflexões durante o estágio. E também, a percepção dos alunos quanto ao desenvolvimento de nossas aulas. Percebemos que nossas práticas foram ajustadas gradativamente com as necessidades apresentadas pelos alunos. As aulas foram trabalhadas dinamicamente, baseadas na perspectiva interacionista. Ao analisarmos as atividades feitas pelos alunos e a participação dos mesmos, concluímos que nosso trabalho teve efeito positivo.

Palavras-chave: Pontuações. Interacionismo. Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto das experiências e reflexões acadêmicas realizadas durante o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa, com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, de uma escola da rede particular da cidade de Inhumas, no estado de Goiás. O projeto desenvolvido originou-se a partir de um pedido da direção da escola para atendimento



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

a uma necessidade de reforço de alunos com dificuldades de leitura e escrita, em especial, aspectos gramaticais.

A necessidade de aulas de reforço surge a partir do momento em que se notam as dificuldades apresentadas pelos alunos de determinada instituição, em determinado conteúdo, nesse caso, gramática. Esse fato já deve ser encarado como um problema, que se torna ainda mais sério quando pensamos que esses alunos já se encontram no 9º ano, os quais estão se preparando para o ensino médio, e logo estarão a um passo dos vestibulares.

A partir do pressuposto de que; “Ao planejar suas aulas, o professor precisa se certificar de que está oferecendo as informações gramaticais necessárias para ajudar seus alunos a construírem os conhecimentos de que precisam para desenvolverem sua competência comunicativa” (OLIVEIRA, 2010, p.48), pensamos em desenvolver um projeto, visando aulas nas quais os alunos revisariam conteúdos gramaticais, sobretudo a pontuação. O problema de muitos alunos ao produzirem um texto está em quando e como utilizar os diferentes tipos de pontuação presentes na língua portuguesa, tal como o uso da vírgula, dentre outros.

O objetivo geral proposto para o desenvolvimento do projeto foi mostrar aos alunos a importância do uso correto das pontuações, destacando que o estudo de gramática não tem apenas o objetivo de “escrever corretamente”, mas, sobretudo, possibilitar aos cidadãos que consigam se posicionar através da escrita de forma mais crítica perante a sociedade. Segundo Perini:

Quando justificamos o ensino de gramática dizendo que é para que os alunos venham a escrever (ou ler, ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar. Os alunos percebem isso com bastante clareza, embora talvez não o possa explicitar; e esse é um dos fatores do descrédito da disciplina entre eles. (PERINI, 1997, p. 50-51).

Isso acontece porque os alunos não veem ainda a importância de dominar a sua língua materna em todos os aspectos, logo quando os professores dizem que a importância de estudar gramática está somente em falar certo, fica desinteressante para os alunos.

De acordo com Bechara:

Enquanto a língua de casa traduz cabalmente as noções de um mundo e de uma vivência reduzida, a língua da escola irá prepará-los acompanhando o seu desenvolvimento psicológico e cultural, para descobrir no pensamento



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

discursivo, as formas que foram elevadas a uma função cognoscitiva mais alta no pensamento racional (BECHARA, 2002 p.39).

Neste sentido, nossa preocupação inicial era em tornar a sala de aula em um ambiente propício ao aprendizado, de modo a facilitar a interação entre professor e alunos, fazendo com que as aulas fossem mais produtivas, pois entendemos que;

Ao professor cabe a tarefa de propiciar aos alunos o ambiente e os meios necessários para que eles construam seus conhecimentos. Facilitar o processo de aprendizagem engloba uma série de atos bastante complexos, dentre os quais figuram: oferecer um ambiente afetivo na sala de aula que seja favorável ao aprendizado (...) (OLIVEIRA, 2008b, 17, apud OLIVEIRA, 2010, p.29).

De igual modo, nos preocupamos em proporcionar aos alunos uma interação, ou seja, uma troca de saberes, pois, de acordo com Freire, "O conhecimento é construído colaborativamente na relação entre educador e educando e que ambos devem tomar consciência da situação em que vivem para que a escola se torne um espaço de constante questionamento e, portanto, de transformação da realidade." (FREIRE, 1982).

Desta forma, entendemos que nosso papel como professores não seria o de transmissor, mas sim, o de facilitador do conhecimento. Partindo desse pressuposto iniciamos os planejamentos com foco em desenvolver metodologias e estratégias que contribuíssem para sanar as dúvidas dos educandos, sobretudo quanto à pontuação e, acreditando que nosso trabalho produziria bons frutos.

O trabalho desenvolvido pautou-se na concepção de que "Ensinar é o ato de facilitar o aprendizado dos estudantes, o que significa que o professor precisa realizar ações concretas resultantes de um planejamento que pressupõe alguns princípios teóricos." (OLIVEIRA, 2010, p.30). Além disso, buscamos embasamento teórico nos conceitos interacionistas, para o qual "o aprendizado é um processo de interação que envolve três fatores fundamentais: o aprendiz, os elementos de sua natureza biológica e o meio ambiente sociocultural em que ele está inserido" (OLIVEIRA, 2010, P.28).

Acreditamos que outro fator importante que colabora com o êxito no aprendizado seria o espaço físico da escola campo; este se encontra em boas condições, as salas são amplas e arejadas, o que contribui ainda mais para o bom desenvolvimento cognitivo dos alunos.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Como não tivemos a oportunidade de conhecermos a fundo o contexto das salas de aula, bem como suas dificuldades, levamos em conta aspectos gerais da educação nacional. Devido a essa situação, optamos por pensar um projeto centrado no desenvolvimento de habilidades relacionadas à gramática, como a utilização de aspectos importantes na construção de um texto, tais como as pontuações, considerando-se os dados de que um dos maiores problemas dos estudantes é quanto ao modo com que a gramática é trabalhada nas escolas brasileiras. Como afirma Antunes, “uma gramática, fragmentada, de frases inventadas, da palavra e de frases isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função: frases feitas para servir de lição, para virar exercício;” (ANTUNES, 2003, p.31).

Refletindo sobre isso e levando em conta que o ensino da gramática em si mesma, ou seja, descontextualizada, não é suficiente, é que pensamos em um projeto que não abordasse somente exercícios de fixação em frases ou atividades isoladas, mas que conseguisse mostrar aos alunos que língua e gramática são um todo, ambas constituem a nossa língua materna.

Nesse sentido, Oliveira defende que:

Saber português significa não apenas ter o domínio inconsciente das estruturas gramaticais, das regras que regem essas estruturas gramaticais, das regras que regem essas estruturas e do léxico, mas também ter o domínio de normas socioculturais de comportamento que nos possibilitam interagir uns com os outros. Saber português não é a mesma coisa que dominar a nomenclatura gramatical registrada pelas gramáticas normativas nem saber explicar as construções gramaticais. (OLIVEIRA, 2010, pág. 40).

Temos consciência de que não iremos mudar a realidade de anos de um dia para o outro, porém pretendemos ao menos sanar algumas dúvidas dos alunos, a fim de que possamos ver os resultados no futuro da educação de nosso país. Torcendo sempre, e procurando contribuir para que a verdadeira mudança pela educação seja alcançada.

Percurso Metodológico

Após termos nos sentado para discutir o planejamento de forma colaborativa, chegamos à conclusão de que para chamarmos atenção dos alunos sem perder o foco na gramática, teríamos que planejar aulas diversificadas. Pensando nisso, decidimos aplicar a



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

gramática com foco em pontuação, que tem sido algo muito enfatizado quanto às produções dos alunos. Procuramos ideias cujo tema era a pontuação em diferentes contextos, a fim de mostrar aos alunos como seriam textos sem pontuação, não haveria sentido.

Feito o planejamento colaborativo, apresentamo-lo à coordenadora de uma escola da rede particular da cidade de Inhumas, no estado de Goiás, onde o projeto seria realizado. Aprovado o planejamento, iniciamos a aula no dia 14 de Setembro do ano de 2015, e concluímos no dia 05 de Outubro do ano de 2015, concluindo a última fase do Estágio Supervisionado – a regência.

O período de regência iniciou no dia 14 de Setembro, no período vespertino, numa sala de 9º ano. Damos início à aula com uma dinâmica, na qual os alunos revisariam algumas pontuações, bem como a importância delas em um texto. A dinâmica consistia em uma frase “Não tenha piedade”, dois alunos teriam de vir a frente da classe com uma situação, os dois seriam fuzilados, um teria de usar essa frase a fim de não ser fuzilado, enquanto outro concordaria com o seu fuzilamento. Os alunos gostaram da dinâmica, pois segundo eles, já ouviram muitos dizerem a cerca da importância das pontuações, mas não assim, é como se estivessem à beira da morte e dependessem de um ponto. Foi uma forma de mostrar a eles o quanto a presença ou ausência dos pontos pode mudar o contexto, e também que isso pode vir a acontecer em seu dia a dia, pois compete ao professor “(...) primeiro ministrar aos seus alunos conteúdos capazes de levá-los à compreensão do mundo que os cerca, nos mais variados campos do saber.” (BECHARA, 2002, p.24).

Em seguida, fizemos uma breve revisão dos diferentes tipos de pontuação, colocando-os no quadro a medida que os alunos falassem os pontos e para que eles servem. Feito isso, entregamos aos alunos o texto “Quem sou eu?”, no qual os alunos tinham de preencher as lacunas de acordo com a representação escrita que indica qual o tipo de pontuação. Sequenciando, fizemos uma breve explicação e revisão de aposto e vocativo enfatizando a importância da vírgula em cada um, inclusive a proibição da mesma entre sujeito e predicado. Após a explicação, os alunos produziram algumas frases com vocativo e aposto.

A segunda aula aconteceu no dia 21 de Setembro. Iniciamo-la com um jogo que envolve memória e também os conhecimentos acerca da pontuação. A sala foi dividida em dois grupos, cada um tinha alguns minutos para decorar as cores e seus correspondentes pontos, pois no texto apareceriam somente as cores no lugar das pontuações. Logo depois,



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

cada grupo teve de substituir as cores pelos pontos adequados. O primeiro grupo a concluir a atividade ganhou o prêmio, e logo em seguida os outros alunos corrigiram o seu texto e também ganharam. Foi muito produtivo, houve a participação de todos, e pudemos notar a diferença que nossas aulas estavam fazendo, visto que eles conseguiram associar o que sabiam ao que memorizaram. Em seguida, entregamos textos sem pontuação aos alunos, o objetivo era levá-los a compreender e identificar os tipos de pontuação através da nossa entonação na leitura. Pensamos na realização dessa aula sob a perspectiva interacionista, para a qual:

O aluno, sob a perspectiva interacionista, não é mais visto como um ser passivo – ele passa a ser concebido como um sujeito ativo que, para construir seus conhecimentos, se apropria dos elementos fornecidos pelos professores, pelos livros didáticos, pelas atividades realizadas em sala e por seus colegas. (OLIVEIRA, 2010, p. 28).

Dando sequência à regência, iniciamos a terceira aula no dia 28 de Setembro. Iniciamos essa aula um pouco diferente do esperado, visto que todos os dias estávamos iniciando com alguma atividade lúdica, dinâmica. Devido ao tempo, tivemos que aplicar atividades propostas para a aula anterior, foram entregues textos sem pontuação, dessa vez eles teriam de reescrevê-los com as devidas pontuações, incluindo a travessão por se tratar de diálogos. Fizemos a correção juntamente com os alunos através da leitura compartilhada. Acredito que esse início não deu muito certo, pois os alunos não mostraram o mesmo interesse das aulas anteriores, isso só nos mostra a importância de aulas diversificadas tanto para prender a atenção do aluno, quanto para fixar melhor o conteúdo proposto.

Refletindo sobre esse fato, optamos por fazer um círculo para que os alunos interagissem através de uma leitura compartilhada do texto “Para quem é o presente?”. Utilizamos uma estratégia de leitura que auxilia os leitores na leitura de textos independente do gênero, a predição.

Fazer predições baseadas no conhecimento prévio, isto é, adivinhar, informados pelo conhecimento (procedimento que chamamos de formulação de hipóteses de leitura), constitui um procedimento eficaz de abordagem do texto desde os primeiros momentos de formação do leitor até estágios mais avançados, e tem o intuito de construir a autoconfiança do aluno em suas estratégias para resolver problemas na leitura. (KLEIMAN, 2001, p.56).



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Levando em conta que as disciplinas de gramática, leitura e produção de textos não devem ser estudadas separadamente, utilizamos a predição na leitura compartilhada nos textos escolhidos. Como bem disse a autora, fazer predições é o mesmo que ativar conhecimentos prévios, isto é, levar em conta o conhecimento de mundo de cada um dos alunos. Fazendo isso, estamos interferindo na competência comunicativa do aluno.

A adoção do conceito de competência comunicativa por parte do professor de português tem implicações importantes para sua prática pedagógica. Antes de qualquer coisa, fica claro que para seus alunos serem capazes de usar a língua portuguesa oralmente e por escrito em situações sociais diversas não basta apenas que sua competência gramatical seja desenvolvida. (OLIVEIRA, 2010, p.51).

Sendo assim, cabe ao professor planejar aulas que desenvolvam essa competência, pois é dela que depende a interação dos alunos com o meio em que vive, e é através dela que ele é capaz de tomar voz para defender os seus direitos em sociedade.

No referido texto, vemos a diferença que as pontuações fazem no texto, o gênero em questão é um bilhete sem pontuação alguma deixado juntamente com um presente por uma senhora que havia viajado. No final, cada um dos interessados decidiu usar as pontuações a seu favor. Problematicamos mais uma vez a importância das pontuações, eles mostraram interesse já que cada um teve o seu papel. Feito isso, pedimos aos alunos que produzissem o seu próprio texto com a mesma ideia do texto lido, a importância das pontuações e o que a falta delas causa.

Na quarta e última aula, realizada no dia 05 de Outubro, iniciamos com a leitura dos textos produzidos na aula anterior. Sentimos que todos entenderam a proposta, que conseguiram notar que o nosso objetivo era mostrar a importância das pontuações tanto em textos formais, quanto nos textos que eles mesmos produzem em seu cotidiano.

No fundo, a grande missão do professor de língua materna – no ensino da língua estrangeira o problema é outro – é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação e até, no texto em que isso se exigir ou for possível, entremear várias línguas funcionais para distinguir, por exemplo, a modalidade linguística do narrador ou as modalidades praticadas por seus personagens. (BECHARA, 2002, p.14).



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Nesse sentido, buscamos levar para a sala de aula textos que corresponderiam bem tanto quanto ao conteúdo, quanto ao interesse dos alunos. Afim de levá-los a compreender que a única forma de falar “certo” é aquela pautada pela norma padrão. Procurando, também, prepará-los para a atividade de interação que exige não somente o falar correto, mas sim adequação da língua conforme o contexto em que o falante se encontra.

Em seguida, entregamos algumas questões objetivas com o tema pontuação, enfatizando a necessidade de conhecê-las para realizar uma prova de vestibular, por exemplo. As atividades diziam respeito ao uso correto, incorreto das pontuações, bem como as alterações de sentido causadas por supressão (queda) nos textos. Para encerrar, aplicamos um questionário a respeito das aulas ministradas, nele os alunos exporiam suas percepções e reflexões sobre as aulas.

Língua e gramática podem ser uma solução se sabermos ter olhos de ver bem longe e enxergarmos uma travessia não totalmente pronta, mas que se vai fazendo; se cremos que há muito o que fazer nas aulas, envolvendo a gramática em atividades de análises, de leitura, de escrita, de oralidade; propondo perspectivas interativas e diferentes modos de expressão; desfazendo preconceitos e valorações discriminatórias. (ANTUNES, 2007, p.161).

Realizamos nossa regência sob essa perspectiva, levando em conta a voz do aluno, fazendo com que o espaço de sala de aula se aproxime ao máximo do contexto no qual eles terão de fazer uso de tudo que aprendemos, principalmente no que diz respeito à nossa língua, nossa forma de interação.

Acredito ter sido muito produtivo para todas nós do grupo e também para os alunos, já que o objetivo da aula era um reforço das pontuações. Apesar dos pontos fracos da aula que citamos, procuramos sempre fazer aulas criativas, chamativas, a fim de despertar o interesse dos alunos para algo que parece ser um terror – a gramática. Temos consciência de que as coisas não mudam do dia para a noite, no entanto sentimo-nos desafiadas a buscar mais, e ao mesmo tempo orgulhosas ao vermos que estavam nos entendendo. Nossa busca pela melhora deve ser incessante, e enquanto tivermos alunos e professores dispostos a melhorar a realidade, haverá sempre bons frutos que nasceram de pequenas atitudes.

Resultados e Discussão



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

O trabalho realizado em nosso estágio teve como principais objetivos: levar os alunos a identificar os sinais de pontuação e os efeitos em relação à clareza de sentido na escrita com suporte na entonação, ser capaz de pontuar um texto, desenvolver a habilidade de identificar na pontuação os efeitos de sentido que foram intensificados, quer na leitura oral, quer no texto escrito.

Sendo assim, levamos aos alunos a importância do uso correto das pontuações que obtemos na Língua Portuguesa, bem como de se saber usar os pontos em situações de escrita formal e em seu cotidiano. Ressaltando sempre as formas de interação.

Nosso estágio foi realizado em aulas de reforço no Colégio de rede particular, e podemos afirmar que nossos objetivos foram alcançados. Acreditamos e atribuímos a esse fato, a nossa maneira de levar o conteúdo para sala de aula, visto que, trabalhamos com maneiras diferenciadas para que os alunos não se desinteressassem pelo assunto e também para que aulas não ficassem monótonas.

Como se tratava de aulas de reforço, observamos que os alunos já tinham conhecimento prévio sobre o assunto, fato que nos ajudou a concluir nosso estágio com sucesso, pois para os alunos as aulas permitiram uma fixação da gramática, um tema bastante questionado por alunos de escolas públicas e privadas e até mesmo por acadêmicos de universidades.

Notamos que, apesar de o tema Pontuações ser algo considerado muito simples em nossa língua, pudemos observar certa dificuldade dos alunos em relação ao uso adequado de certos pontos, principalmente da vírgula. Pensando nisso, aprofundamos no vocativo e aposto, enfatizando sempre a função da vírgula dentro das frases de determinado caso.

Em nossa última aula, foi entregue um questionário aos alunos, algumas perguntas sobre as nossas aulas ministradas foram:

1. O que você achou das aulas de estágio?
2. Você aprendeu mais sobre “como usar corretamente a pontuação”, nas aulas do estágio?
3. Qual a aula que você mais gostou?
4. Fale sobre o que você aprendeu sobre o efeito da pontuação no sentido do texto.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Das quais obtemos como respostas mais frequentes as seguintes:

1. Eu achei bom, porque as professoras explicaram muito bem.
1. Achei as aulas bem interessantes e legais, serviram para um aprendizado fácil e muito divertido.
1. As aulas foram bem legais e as professoras, além de nos ensinar, brincam com a gente sobre o conteúdo.
2. Sim, pois eu não sabia usar alguns pontos.
2. Sim, me ajudou bastante em uma prova.
2. Não, o que ensinaram, eu já sabia, mas as aulas de estágio foram boas, porque foi um reforço nessa matéria de pontuação.
3. A aula que mais gostei foi a aula que nós fizemos as correções no quadro.
3. A terceira aula, que fizemos correções no quadro.
3. A que escrevemos frases no quadro, dividimos a sala em dois grupos e começamos a pontuá-las corretamente.
4. A pontuação é algo fundamental na construção do texto, pois além de facilitar a leitura, auxilia na melhor compreensão, tornando as ideias claras e dando coerência a redação.
4. Eu aprendi que se não colocar a pontuação correta o texto pode ter vários sentidos, complicando o entendimento do leitor.
4. Eu entendi que a pontuação é muito importante na construção de um texto, pois a pontuação dá vida ao texto, mas sem ela, não tem sentido algum, principalmente em sua leitura.

Sendo assim, através das respostas obtidas nos questionários, podemos afirmar que fizemos um bom trabalho e que contribuímos para a vida desses alunos de certa maneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do questionário final respondido pelos mesmos refletimos sobre quais os procedimentos que utilizamos surtiram mais efeito na aprendizagem da gramática de um modo mais aleatório e dinâmico.

Em cada aula ministrada, trabalhamos pelo menos quatro habilidades, com atividades de leitura, produção textual, reflexão sobre a pontuação, etc; a fim de firmar o conhecimento novo ao já adquirido, de modo que o novo complementasse o velho, enriquecendo o conhecimento dos alunos.

Após cada aula, fazíamos um *feedback* sobre o conteúdo e também sobre nossas ações, de maneira a adequar nosso próximo planejamento ao que tinha dado mais resultado na aprendizagem e reforço gramatical.

REFERÊNCIAS



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BECHARA, Evanildo. *O ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 11.ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *O ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 11.ed. São Paulo: Ática, 2002. b.

_____. *O ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 11.ed. São Paulo: Ática, 2002. c.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria & prática*. 8 ed. Campinas: Pontes, 2001.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010. (Estratégias de ensino; 17).

_____. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010. (Estratégias de ensino; 17). b.

_____. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010. (Estratégias de ensino; 17). c.

_____. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010. (Estratégias de ensino; 17). d.

PERINI, Mário A. Sofrendo a gramática: a matéria que ninguém aprende. In: _____. *Sofrendo a gramática: Ensaio sobre a linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.